

Da/na palavra e(m) ação, discurso e poder: diálogos filosóficos / *From/in the word in action, discourse and power: philosophical dialogues*

Elaine Pereira Daróz *

Pós-doutorado pela Universidade de São Paulo, campus Ribeirão Preto (USP/FFCLRP) com apoio FAPESP (Prot. nº 2018/13017-2), onde realiza pesquisas acerca da temática do feminino numa perspectiva histórico-discursiva. Doutora em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal Fluminense (UFF/CAPES/FAPERJ). Doutorado sanduiche Universidade Sorbonne Nouvelle, Paris 3 (CAPES). Mestre em Ciências da Linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco e possui graduação em Letras - Português-Inglês pela Faculdades de Letras Dom Bosco.

 <https://orcid.org/0000-0001-6084-7850>

Recebido: 26 jan. 2020. **Aprovado:** 11 mai. 2020.

Como citar este artigo:

DARÓZ, Elaine Pereira. Da/na palavra e(m) ação, discurso e poder: diálogos filosóficos. *Revista Letras Raras*, v. 9, n. 3, p. 215-227, jun. 2020.

RESUMO:

Os embates filosóficos na era antiga se debruçavam sobre as questões acerca do homem e(m) suas relações sociais. Dentre as questões discutidas, a relevância da língua(gem) nesse processo de significação do homem no mundo é um ponto de concordância entre eles. Na esteira dos estudos da língua(gem), a língua surge como algo diferente, incitando a estudiosos a compreendê-la a partir de em vertentes teóricas distintas. Considerando que os discursos são estruturados numa relação entre atualidade e memória, buscamos neste trabalho percorrer os caminhos trilhados por filósofos e estudiosos da língua(gem) ao longo dos tempos – quais sejam Aristóteles, Mikhail Bakhtin e Michel Pêcheux – para melhor compreendermos o processo complexo pelo qual sujeitos e sentidos se constituem mútua e concomitantemente. Em nossa reflexão, levamos em consideração as diferentes condições de produção em que essas reflexões foram desenvolvidas, tomando como elo norteador a dialogicidade inerente à relação entre sujeito e língua, apontada, a seu modo, pelos filósofos aqui apresentados. Ao longo de nossa reflexão, compreendemos que o discurso, enquanto lugar de materialização da ideologia, é uma instância de poder na e pela qual se fundam as relações de tensão inerente às práticas entre os sujeitos.

PALAVRAS-CHAVE: filósofos, língua(gem), discurso, antiguidade, atualidade.

ABSTRACT:

Philosophical clashes in the ancient era focused on questions about man and (s) his social relations. Among the issues discussed, the relevance of language (gem) in this process of signifying man in the world is a point of agreement between them. In the wake of language studies (gem), language appears as something different, encouraging scholars to understand it from different theoretical perspectives. Considering that the speeches are structured in a relationship between actuality and memory, in this work we seek to walk the paths trodden by philosophers and scholars of the language (gem) over time - which are Aristotle, Mikhail Bakhtin and Michel Pêcheux - to better understand the complex

*

 lainedaroz@gmail.com

 <http://dx.doi.org/10.35572/rlr.v9i3.1701>

process whereby subjects and meanings are mutually and concurrently constituted. In our reflection, we take into account the different conditions of production in which these reflections were developed, taking as a guiding link the dialogicity inherent in the relationship between subject and language, pointed out, in its own way, by the philosophers presented here. Throughout our reflection, we understand that the discourse, as a place of materialization of ideology, is an instance of power in and through which the relations of tension inherent in the practices between the subjects are founded.

KEYWORDS: philosophers, language (gem), discourse, antiquity, actuality.

1 Palavras iniciais

[...] fingindo, passam então as histórias a ser mais verdadeiras que os casos verdadeiros que elas contam[..].
José Saramago

Desde os primórdios, a linguagem é concebida como um meio de socialização, meio pelo qual podemos transmitir informações, fatos, ideias, desejos, rememorar acontecimentos; em suma, um vetor de comunicação entre os homens que possibilita o estabelecimento e manutenção de um povo por meio da transmissão da herança e, com ela, valores e práticas.

Intrinsecamente ligado ao desenvolvimento social, o desenvolvimento da linguagem no homem primitivo está, para Diakov & Kovalev (s/d), *pari passu* à aquisição de produção e aquisição de bens de consumo, sendo esta a primeira experiência do homem na vida em coletividade. Sob essa perspectiva, é constitutiva da linguagem o que os autores designam como uma consciência prática, cujo pensamento por meio do desenvolvimento e aprimoramento de técnicas e fabricação de instrumentos que lhe permitiam o bem-estar e, sobretudo, o seu estabelecimento no social.

Em *A mente do homem primitivo*, Boas (2011) afirma que nenhum povo é imune à influência de outros povos, assimilando ou até mesmo incorporando, sem alterações, inventos e ideais de seu(s) vizinho(s), a fim de atenuar e/ou favorecer a condição de vida de determinada comunidade. Assim, é o conhecimento e aprimoramento de técnicas (a serem) incorporadas/assimiladas pela coletividade que proporcionam um grau de (in)dependência e dominação de um povo em relação aos demais.

Essa relação entre linguagem e saber, e mais especificamente ao saber-fazer, trouxe implicações ao homem, tanto na sua estrutura física, passando gradativamente do homem



primitivo para o *homo sapiens*, quanto na estrutura do organismo social por meio da economia coletiva e a instituição de novas práticas (DIAKOV; KOVALEV, s/d). Sendo assim, observamos que a língua(gem) é constitutiva da relação do sujeito com o mundo, sendo a língua(gem) um relevante pilar de sustentação e manutenção do poder na estrutura social.

Diferente das civilizações anteriores – que possuíam territórios vastos e cuja força do Estado a impor aos cidadãos as suas tarefas eram suficientes para o estabelecimento e sustentação de uma organização político-administrativa, a Grécia, assim como outras civilizações contemporâneas, ocupava um território geograficamente menor e, portanto, povo menos numeroso e politicamente mais heterogêneo (AYMARD; AUBOYER, 1962).

Diante de frequentes ameaças estrangeiras que, nesse contexto, se faziam mais perigosas, cabia ao Estado uma relação supostamente mais próxima de seus cidadãos, incitando-os, discretamente, ao consentimento face àquilo que não poderia/deveria extrair pela coerção.

Em meio a sociedades plurais divididas em múltiplas cidades-Estado, em recorrente disputa territorial e política, florescem filósofos a se debruçarem sobre as questões pertinentes ao homem e(m) sociedade.

Acerca do papel da Filosofia na compreensão do homem e(m) sociedade, Audrey Azoulay, diretora geral da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco), afirma que "a filosofia é uma disciplina inspiradora e uma prática diária que pode transformar sociedades", que "desperta mentes e força o confronto entre opiniões, ajudando a construir uma sociedade mais tolerante e respeitadora"¹.

Em atenção aos discursos de ódio que emergem e se consolidam em nossa sociedade, e que caminham concomitantemente a práticas de intolerância e desrespeito, por vezes naturalizadas no seio social, buscamos, por meio de diálogos com os filósofos Aristóteles, Bakhtin e Pêcheux, uma melhor compreensão da noção de discurso, enquanto instância de poder. A pensar na complexidade de tais reflexões, apresentaremos a seguir breves considerações sobre os estudos desses filósofos, tomando como elo norteador os pontos de aproximação desses estudos assim como as diferentes condições sócio-históricas, e ideológicas, em que esses estudos foram desenvolvidos.²

¹ Discurso proferido em 21 de novembro de 2019, em declaração acerca do Dia Mundial da Filosofia. Disponível em <<https://news.un.org/pt/story/2019/11/1695351>> Acesso em 5 jan 2020.

² Este artigo é fruto de reflexões e pesquisas concernentes ao estágio pós-doutoral, supervisionado pela Prof^a Dr^a Lucília Maria Abrahão e Sousa, na Universidade de São Paulo/FFCLRP, com o apoio do órgão de fomento FAPESP



2 Da palavra em movimento, a retórica aristotélica: meio de persuasão, convencimento e poder

A partir de nossa reflexão e pesquisa, observamos que é inerente à língua(gem) uma dialogicidade em que se pese a relação do sujeito com o outro, o seu interlocutor, e as implicações que dali advêm.

Em seu livro *Política*, Aristóteles (1988, p. 5), afirma que

[...] o homem é um animal cívico, mais social do que as abelhas e os outros animais que vivem juntos. A natureza, que nada faz em vão, concedeu apenas a ele o dom da palavra, que não devemos confundir com os sons da voz. Estes são apenas a expressão de sensações agradáveis ou desagradáveis, de que os outros animais são, como nós, capazes.

E, assim, determinado em investigar a essência dessa potencialidade humana, a linguagem, que o autor se debruça sobre os elementos que compõem o todo da linguagem, bem como a perscrutar os caminhos pelos quais percorrem os homens na sua relação com o mundo. E, assim, concebendo a linguagem como uma faculdade natural do homem, Aristóteles se debruçou acerca da retórica, tomando como elemento primordial a relevância alteridade entre o eu e o outro para o estabelecimento do homem no social.

Em *Retórica* (ARISTÓTELES, 1990), o filósofo grego afirma que a retórica é uma arte que não se reduz apenas a especialistas da linguagem, mas o seu conhecimento possibilita aos cidadãos produzir discursos que lhes permitam demonstrar, argumentar, persuadir, convencer o auditor de suas convicções, proporcionando ao ouvinte formular um juízo sobre a situação que lhe é apresentada. Sendo assim, os seus estudos visam, sobretudo, a fornecer subsídios para melhor discernir os meios de persuasão inerente ao discurso, acerca de qualquer questão. Para tanto, os estudos aristotélicos sobre a retórica apresentam os percursos que perfazem os discursos.

Na argumentação, o orador busca meios de convencer o ouvinte de suas convicções acerca da temática do seu discurso. Nessa etapa, considera-se que todos os dizeres pré-existem,

(Proc nº 2018/13017-2). Durante o estágio pós-doutoral percorremos o percurso pelo qual sujeitos e sentidos se constituem, para uma melhor compreensão acerca dos sentidos sobre a mulher relativamente estáveis que ressoam na atualidade, produzindo efeitos nas práticas dos sujeitos contemporâneos.

cabendo ao orador extrair o que melhor lhe convém para compor os seus argumentos, em conformidade com as suas convicções.

A disposição se refere ao arranjo formal das partes do discurso, mecanismo pelo qual o orador organiza o modo de dizer dos (e sobre) os argumentos que se fundam o seu discurso, encontrando, assim, na etapa seguinte – da elocução – a materialização do seu discurso por meio da textualização, por meio de ordenação de palavras e frases que comporão a argumentação face sua posição discursiva acerca da temática em questão. A ação, por sua vez, é a etapa em que o orador age efetivamente sobre a temática, e sobre o ouvinte, por meio do discurso, implicando nessa ação os gestos, mímicas, entonação de voz dentre outros.

Segundo Aristóteles (1990), o discurso se funda sob três gêneros, de acordo com a audiência, tendo como base os seus propósitos: político ou deliberativo, o judiciário, e o demonstrativo. No poder deliberativo, interessa primeiramente compreender a natureza das coisas, boas ou más de acordo com o conveniente ou prejudicial, para aconselhar ou desaconselhar, persuadir ou dissuadir o ouvinte. No judiciário, tendo como seu *locus* o tribunal, reside a audiência tanto para acusar como para defender, com o propósito primeiro do estabelecimento da justiça por meio de leis que regem os cidadãos as cidades. Ao orador/auditor, cabe a função de esclarecer, qualificar e julgar os fatos. O discurso demonstrativo, por sua vez, tem por objetivo, de um modo geral, enaltecer ou censurar a audiência.

Assim, por meio de um método racional acerca do processo pelo qual o homem significa na sociedade, observamos nos estudos aristotélicos acerca da arte da retórica uma dialogicidade constitutiva das relações sociais que se presentifica no discurso por meio de uma tripla determinação, qual seja o orador, o assunto de que se fala e o ouvinte, tomando em consideração tanto a natureza da sua audiência: jovem, velho, nobre ou plebeu etc, bem como as condições psicossociais que perpassam o discurso. Nessa perspectiva, Aristóteles aponta, então, para uma heterogeneidade constitutiva dos discursos, que atravessam os sujeitos na tomada da palavra.

De acordo com o filósofo (ARISTÓTELES, 1988, p. 5)

Temos todos o costume de endereçar as nossas investigações, não segundo a coisa mesma, mas segundo as objeções de quem nos contradiz. E mesmo quando somos nós mesmos que fazemos as objeções, não levamos a nossa investigação, além do ponto justo em que já não podemos fazê-las.

A partir dos estudos de Aristóteles, podemos observar que um dos traços distintivos da relação entre sujeito e a língua(gem) é a comunicação, havendo no diálogo o seu lugar comum, tendo como princípio fundamental não o alcance do verossímil na relação do homem com o mundo, e com o outro, e não propriamente a busca por uma verdade, como acreditavam os seus antecessores.

A partir da reflexão até aqui exposta, podemos observar que a comunicação é um processo muito mais amplo que a mera transmissão de informações. Regida por princípios e propósitos específicos, ela se realiza no social, tendo como característica primordial a dialogicidade nela constitutiva, isto é, a interação entre os sujeitos. E é sob essa perspectiva que Mikhail Bakhtin (1979; 1988; 2002), outro filósofo da linguagem que, na Rússia dos anos de 1929³, se debruça sobre a compreensão do discurso enquanto uma atividade inerentemente dialógica e heterogênea.

3 Na língua viva, o dialogismo e(m) prática

Para Bakhtin (1988), “a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas, mas pelo fenômeno da interação verbal realizada através da enunciação e das enunciações” (BAKHTIN; VOLOSHINOV, 1979, p. 173). É interação verbal estabelecida pela língua com o sujeito falante e com os textos anteriores, já-ditos, que a palavra torna-se real e ganha diferentes sentidos conforme o contexto. Sob esse viés, a língua é concebida nos estudos bakhtinianos na relação com a ação humana, isto é, como um fenômeno sócio-interacional.

Em *Marxismo da Filosofia e Linguagem* (1988), Bakhtin afirma que o enunciado é um fenômeno da interação verbal, e está repleto de ecos de outros enunciados, textos anteriores já-ditos, formando um elo na cadeia da comunicação verbal. Conforme a visão dialógica de Bakhtin (1988), é na interação verbal que a palavra torna-se real e ganha diferentes sentidos conforme o contexto. No processo discursivo, cada enunciado refuta, confirma, complementa e depende de outros enunciados, sendo orientado assim pelo destinatário. Sendo assim, a dialogização do

³ Embora tenha se debruçado sobre os estudos acerca da linguagem desde 1924, seus trabalhos só ficaram conhecidos no Ocidente a partir da década de 1980, quando ganhou notoriedade, sendo referência para as reflexões sobre a língua(gem) até os dias atuais.

discurso tem uma dupla orientação, voltada tanto para os discursos outros, constitutivos do discurso, quanto para o outro da interlocução.

Para Bakhtin (1988), todo enunciado é heterogêneo, visto que há ao menos duas vozes sociais, duas posições sociais, em qualquer enunciado. Na concepção de que uma palavra é sempre dirigida a alguém, para o autor, é na relação do sujeito com a língua, e com o outro (real ou imaginário), denominado seu interlocutor, que o sujeito toma consciência de si. Sob esse viés, o outro ocupa papel fundamental na relação do sujeito com a língua, uma vez que prevendo seu interlocutor, pode antecipar seu discurso. O diálogo é entendido como espaço de tensão de vozes que circulam socialmente e que estão carregados de juízos de valor. Nesta concepção, o dialogismo ocorre na articulação de múltiplas vozes sociais no interior de todo enunciado (quer sob a forma de aspas, citação, discurso direto ou indireto, dentre outros). E é nessa compreensão do funcionamento da linguagem que o autor (BAKHTIN, 2002, p. 99) afirma que

[...] o discurso vive fora de si mesmo, na sua orientação viva sobre o seu objeto: se nos desviarmos completamente dessa orientação, então, sobrarão em nossos braços seu cadáver nu a partir do qual nada saberemos, nem de sua posição social, nem de seu destino.

Se as experiências vividas são múltiplas, a plurivocidade é a condição de funcionamento do signo que, constitutivamente ideológico, se move numa densa e tensa de camadas de discursos, possibilitando as relações de aproximação e confrontos de diferentes forças sociais. Isso porque, segundo o autor (BAKHTIN, 2002), a língua é viva e comum às diferentes classes sociais, fazendo com que o signo se torne uma arena onde se desenvolvem a luta de classes.

E, assim, refutando tanto o objetivismo abstrato quanto o subjetivismo idealista em vigor nos estudos da linguagem à época, que Bakhtin se debruça sobre a compreensão das condições de enunciação, intimamente ligadas a aspectos sociais, tomando como ponto de partida a heterogeneidade inerente a todo discurso, tendo a interação verbal como constitutiva do processo de significação do sujeito no mundo. Se pela palavra, no discurso, portanto, que o indivíduo se significa na relação com o outro, o social é o *locus* que torna possível essa realização.

O processo de significação do sujeito, inerente à sua relação com o outro e com o mundo, também foi objeto de reflexão de outro filósofo, agora francês, tomando como gênese para os seus estudos a relação intrínseca entre sujeito, língua(gem) e sociedade. Sobre essa questão, também se debruçou outro filósofo da linguagem, Michel Pêcheux, tomando como o seu objeto de

estudo o discurso, constitutivamente contraditório, visto que essencialmente heterogêneo. Sob essa perspectiva, como afirma Orlandi (2001), a língua é compreendida em funcionamento, na sociedade, considerando o homem na história, os processos e as condições de produção da linguagem. Nesse contexto, o estabelecimento da disciplina Análise do discurso, nos anos de 1960, na França, tornou-se um ponto incontornável na compreensão dos jogos de poder que se materializam na e pela língua.

4 Análise do discurso: da língua em movimento, discurso e poder

A Análise do discurso de linha pecheutiana encontra-se no lugar de entremeio das disciplinas Linguística – tomando como base os estudos saussureanos, a partir do qual passa a pensar a língua como elemento constitutivo do sujeito, e não mais exterior ao falante como a concepção vigente –, Materialismo histórico – em especial a noção de ideologia como prática que se materializa na língua – e, ainda, alguns conceitos da Psicanálise – em especial no que tange à questão do sujeito, afetado pelo inconsciente, em detrimento de uma noção de sujeito centrado plenamente na razão. Nesse contexto, Pêcheux busca fomentar diálogos, estabelecendo pontos de aproximação ou confronto, a fim de repensar as práticas discursivas e sociais, tendo como objeto de estudo o discurso.

Em um deslocamento da concepção de língua, homogênea e estável, vigente na linguística estruturalista vigente, Pêcheux (1969; 1975; 1983) aponta para a sua realidade histórica – visto que traz em si dizeres já-ditos e relativamente estáveis na esfera social, tornando-se, assim, a base para dizeres vindouros. A historicidade constitutiva da língua nos permite pensar em outra característica inerente a ela: a carga ideológica que nela materializa, visto que tais dizeres, produzidos anteriormente, e independentemente, a partir de condições de produção específicas, ressoam na atualidade, trazendo consigo determinados sentidos, naturalizados pela ideologia vigente, em detrimento de sentidos outros possíveis. Sob esse viés, a língua é pensada na abordagem discursiva a partir da sua heterogeneidade, como lugar de materialização das lutas de classe.

De acordo com Orlandi (1999, p. 15), “na análise de discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história”. Em contrapartida a língua enquanto sistema abstrato, a língua



compreendida em funcionamento, na sociedade, considerando o homem na história, os processos e as condições de produção da linguagem. Sendo assim, constitutivamente heterogênea, uma vez que a exterioridade é seu elemento constitutivo, a língua é concebida, ainda, como um lugar privilegiado da manifestação da ideologia, o lugar onde ela se materializa e, por isso, não deve ser compreendida como um lugar de concordância, mas, sobretudo, um lugar de embate entre sujeito e sentido.

Sob esse viés, em um deslocamento da noção de língua como instrumento de comunicação, Pêcheux passa a pensar a língua a partir do seu funcionamento, tomando como o objeto de estudo da disciplina o discurso, concebido como “efeito de sentidos”. Isso porque, para o autor, os sentidos não estão fixos a priori, mas se estabelecem no movimento contínuo e ininterrupto no qual sujeito e sentido se constituem, a depender da tomada de posição do sujeito no discurso.

O indivíduo é, assim, desde sempre interpelado pela ideologia, sendo esta a condição indissociável para ser sujeito, é concebido a partir da função social, ou seja, das posições que ele ocupa no discurso, como resultante das suas filiações a determinados sentidos inerentes à ideologia dominante, podendo identificar-se, ou não, a partir da sua tomada de posição.

Como podemos observar, a ideologia ocupa um papel preponderante no direcionamento dos sentidos, a fim de induzir os membros da sociedade a aceitarem, sem resistências, as tarefas que lhes são atribuídas (ALTHUSSER, 1967), tendo em vista as demandas da ideologia vigente. Para tanto, segundo Althusser (*op.cit.*), é próprio da ideologia dissimular o seu funcionamento na linguagem sob a forma de uma verdade absoluta, proporcionando aos sujeitos um efeito de evidência proporcionado pela naturalização de determinados sentidos/dizeres a serem estabilizados.

Nessa relação entre sujeito, língua e ideologia, Pêcheux (1999 [1983]) afirma que a memória é um elemento estruturante do discurso, visto que possibilita a retomada dos sentidos relativamente estáveis na esfera social, proporcionando tanto a sua reprodução, por meio de paráfrases dentre outros, quanto o seu deslocamento, deslizamento desses sentidos. Isso porque, como afirma Orlandi (2003, p. 32),

O dizer não é propriedade particular. As palavras não são nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa nas “nossas” palavras. O sujeito diz, pensa que sabe o



que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele.

Sob essa perspectiva, o sujeito discursivo é assujeitado pela ideologia que, desde-sempre lá, opera na estrutura do sujeito sem lhe passar completamente pela consciência (ALTHUSSER, 1970), é também afetado por sentidos inscritos historicamente.

Tomando em atenção a relação intrínseca entre sujeito, língua e história, Courtine traz uma reflexão acerca do lugar da memória na regularização dos sentidos. Em aprofundamento dos estudos de Pêcheux, Courtine (1999) afirma que é por meio de já-ditos – presentes no nível intradiscursivo da constituição dos sentidos – que determinados dizeres são retomados, quer sob a forma de pré-construídos, ou seja, citações diretas, paráfrases dentre outros; quer por um atravessamento, isto é, sentidos relativamente estáveis que ressoam em dizeres atuais, operando assim uma reprodução/atualização desses sentidos. No eixo intradiscursivo, por sua vez, está o nível da formulação dos dizeres, cujos dizeres/sentidos são atualizados, abrindo espaço para brechas, falhas, lapsos, deslocamentos, uma vez que estão inscritos em diferentes condições de produção do discurso específicas de cada tempo.

Tais considerações nos permitem pensar que o discurso não é, assim, uma entidade fechada em si mesmo, com sentidos prontos *a priori*. Antes, ele é concebido nessa perspectiva como uma unidade complexa de significação, afetada pelas suas condições de realização; o lugar do trabalho da linguagem, a partir do trabalho simbólico no jogo de sentidos, uma vez que se relaciona tanto com o condições sócio-históricas, por meio de discursos anteriores, relativamente estáveis no seio social, quanto com o contexto imediato na produção do dizer.

Ao tomar o discurso como objeto de estudo, o autor lança um novo olhar para a relação que se estabelece entre sujeito e língua, para pensar na emergência dos sentidos, tornando-se uma arma potente para a transformação das práticas sociais.

Acerca deste novo objeto teórico que desponta nos estudos da linguagem, Malidier (2003, p. 15-16) afirma,

O discurso me parece, em Michel Pêcheux, um verdadeiro nó. Não é jamais um objeto primeiro ou empírico. É o lugar teórico em que se intrincam, literalmente, todas as suas grandes questões sobre a língua, a história, o sujeito. A originalidade da aventura teórica do discurso prende-se ao fato que ela se desenvolve no duplo plano do pensamento teórico e do dispositivo da análise de discurso, que é seu instrumento.

A passagem da concepção de língua que serve à comunicação entre os sujeitos, para a noção do discurso, como um espaço contraditório onde se desenrolam as lutas de classes, nos permite melhor compreender a reprodução/naturalização de determinados dizeres no seio social, tendo em vista a movência na e pela qual sujeitos e sentidos se constituem.

5 O discurso no entrelaçamento dos sujeitos e dos sentidos: algumas reflexões finais

A necessidade de comunicação presente na história da humanidade desde sua evolução na transmissão da herança de cada povo levou (e leva-nos) à busca incessante de compreender o fenômeno da linguagem.

A partir de nosso trabalho, observamos que a comunicação sempre foi objeto de observação e reflexão ao longo dos tempos. E, assim, na esteira dos estudos da linguagem, os filósofos aqui retomados nos permitem observar o ponto em comum: a pré-ocupação em compreender a relação que se estabelece entre o sujeito e a língua, bem como os efeitos que advêm dessa relação.

Para Aristóteles, inerente à linguagem é a possibilidade de refutar e/ou demonstrar argumentos, convencer, persuadir e ao outro, o auditor, tendo em vista a sua convicção. A fim de atingir seus fins próprios na comunicação. Nessa relação, é possível que se alcance o verossímil, e não a verdade em si, visto que essa é inacessível ao homem. Dessa forma, observamos que o filósofo grego aponta para o estatuto de equivocidade da língua que, sujeito a fatores exteriores a ela, possibilita que toda argumentação seja passível de réplicas, confrontos e questionamentos.

Ao conceber a língua como uma entidade viva e heterogênea, Bakhtin denuncia a carga ideológica inerente ao signo linguístico, abrindo possibilidades para pensar a tensão constitutiva da relação entre sujeito e língua, e do discurso, portanto. Nessa relação, a dialogicidade é fator primordial do processo de significação pelo qual o homem relaciona com o outro, e com o mundo, proporcionando ao sujeito uma pluralidade de significação, fazendo com que cada enunciado seja passível de se tornar outro.

Nos movimentos da língua(gem) que se reconhece, na abordagem discursiva de linha pecheutiana a noção do discurso e sujeito como efeito, visto que constitutivamente heterogêneos, nos permite repensar os sentidos relativamente estáveis no seio social, visto que inscritas



historicamente, considerando as relações de poder se materializam com vistas às suas implicações nas práticas sociais.

A complexidade das relações que se estabelecem entre os sujeitos extrapola os questionamentos de especialistas nos estudos da língua(gem), e é também objeto de reflexão em obras de ficção. Em seu livro *Memorial do Convento*, Blimunda, personagem central na obra de José Saramago, afirma que “[...] se pudéssemos contar os carros que se movem por estes caminhos de ir e voltar, próximos ou mais longe, chegaríamos aos dois mil e quinhentos [...] mas os homens, se os quisermos ver, tem de ser de mais perto.”

Nesse artigo, retomamos os pensamentos dos filósofos da linguagem aqui apresentados, para uma maior compreensão do processo inerente à relação do sujeito com o outro e com o mundo. Ao abordarmos tais questões, não propomos uma generalização de reflexões tão complexas acerca do funcionamento da língua(gem) e do modo de inscrição do sujeito no discurso, tampouco trazemos uma verdade absoluta acerca do processo complexo inerente às relações dos sujeitos no social. Em atenção à palavra em movimento, buscamos re-trilhar tais caminhos, fazendo emergir a historicidade na e pela qual sujeitos e sentidos se constituem.

Nesse percurso, tomamos como elo norteador a dialogicidade constitutiva dessa relação. Em atenção à palavra em movimento, compreendemos, com Pêcheux, que é no e pelo discurso, enquanto lugar de instabilidade, que sujeitos e sentidos se constituem. Dessa forma, o discurso é, assim, uma instância de poder na qual se a tensão inerente às relações entre os sujeitos. A partir de um olhar crítico, as reflexões aqui trazidas visam contribuir para novas formas de leitura sobre os discursos historicamente estabilizados, tendo em vista uma transformação das práticas sociais na contemporaneidade.

Referências

- ALTHUSSER, L. *Ideologia e Aparelhos ideológicos do Estado*. Lisboa: Presença, 1970.
- ALTHUSSER, L. *Análise crítica da teoria marxista*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
- AYMARD, A.; AUBOYER, J. *O Oriente e a Grécia Antiga*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1962.
- ARISTÓTELES. *Política*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1988.



- ARISTÓTELES. *Retórica*. Introducción, traducción y notas por Quintín Racionero. Madrid: Editorial Gredos, 1990.
- ARISTÓTELES. *Retórica das Paixões*. Prefácio Michel Meyer. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- DIAKOV, V.; KOVALEV, S. *Histoire de L'Antiquite*. Moscou: Editions en langues etrangeres, s/d.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2002
- BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1988.
- BOAS, F. *A mente do ser humano primitivo*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- COURTINE, J. J. O Chapéu de Clémentis: observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político. In: INDURKY, F. (org.). *Os múltiplos territórios da análise do discurso*. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 1999.
- ORLANDI, E. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. São Paulo: Pontes, 1999.
- ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2003.
- ORLANDI, E. P. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2001.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da Unicamp, 1988 [1975].
- PÊCHEUX, M. Papel da memória. In: ACHARD, P. (org.). *Papel da memória*. Campinas: Pontes, 1999 [1983].
- PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.). *Por uma análise automática do discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997 [1969].
- PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 1990 [1983].
- SARAMAGO, J. *Memorial do convento*. Lisboa: Caminho, 2006.
- VOLOSHINOV, V. [BAKHTIN, M.]. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: HUCITEC, 1979.